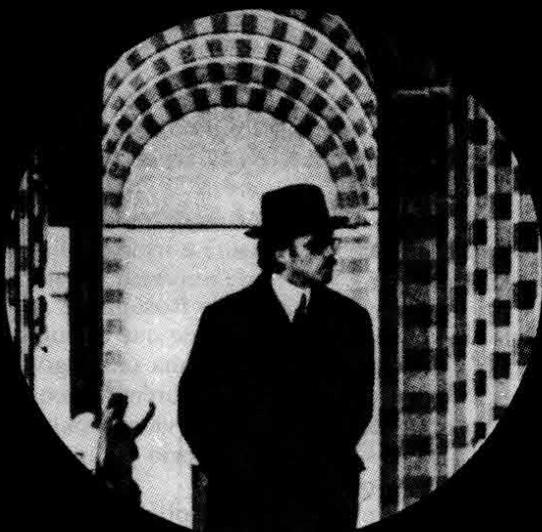


Anatol Rosenfeld, como muitos intelectuais vigorosos, sentiu forte atração pelo pensamento de Thomas Mann, com o qual se identificava por mais de um motivo. Mann, se sabe, teve sua talvez melhor obra – a opinião é de Otto Maria Carpeaux –, "A Morte em Veneza", adaptada para o cinema (fotos ao lado) pelo cineasta italiano Luchino Visconti, que transpôs com maestria a queda interior de Aschenbach



Anatol Rosenfeld e o irracionalismo

JACÓ GUINSBURG



JACÓ GUINSBURG é professor de Teoria de Teatro da ECA-USP, editor da Perspectiva e autor, entre outros, de *Stanislávski e o Teatro de Arte de Moscou* (Editora Perspectiva) e *Leone de' Sommi: um Judeu no Teatro da Renascença Italiana* (Editora Perspectiva).

A questão do irracionalismo e do racionalismo preocupou muito Anatol Rosenfeld sob múltiplos aspectos. Na verdade, ela não lhe poderia escapar, em primeiro lugar, devido à sua formação intelectual, fortemente calcada na filosofia. No seu caso particular, o problema e o confronto nele implicado se lhe apresentaram de maneira tanto mais aguda quanto no curso da vida teve de enfrentá-los, não apenas no plano teórico. Nem por isso é permitido dizer que ele os haja encarado numa linha uniforme ou demasiado rígida. Os parâmetros pelos quais o pensamento de Anatol se construiu foram, grosso modo, os da tradição filosófica alemã que ele fazia convergir para dois focos principais: Kant e Hartmann. Conhecia muito bem os românticos, sobretudo Hegel e Schopenhauer. Marx tampouco lhe era alheio. Criticava o seu materialismo dialético, que considerava metafísico, mas fazia bom uso do materialismo histórico, em algumas de suas principais categorias e processos. Sob o mesmo ângulo, e talvez numa proximidade maior, era um leitor de Lukács, em relação a quem, no entanto, tinha muitas reservas, principalmente no que tange às conceituações estéticas e políticas, no período ulterior aos anos 30. Não aceitava, por exemplo, as suas formulações sobre a dialética do romance e da novela, como expressões de plenitude e transição históricas. Walter Benjamin e a Escola de Frankfurt também faziam parte do seu horizonte, embora não fosse particularmente simpático às posições de Horkheimer e Adorno.

De outra parte, sem ser um seguidor incondicional de Husserl, tinha na fenomenologia um de seus instrumentos de trabalho, abeberando-se sobretudo nas análises estético-literárias de Ingarden e, creio eu, nas colocações éticas de Scheler. Mas o existencialismo de Heidegger lhe era avesso, embora reconhecesse nele peso filosófico. Considerava a sua proposta, cujos meandros especulativos conhecia muito bem, como *Holzwege* (*Caminhos sem Saída*) e, com este título de um dos livros do filósofo, caracterizava o pensamento do autor, após o *Ser e Tempo*. Do mesmo modo, recusava-se aos vivenciamentos espirituais e religiosos de Jaspers e Buber. Sartre e a corrente existencialista do pós-guerra não lhe foram indiferentes, mas endereçava-lhes uma crítica decorrente de um certo vício metafísico de origem. Como em Kierkegaard e no próprio Heidegger, detectava neles, na relação do eu-consciência com o mundo, um ponto cego, intransponível, que os fazia girar em círculo, na própria subjetividade.

Tais colocações, digamos antiirracionalistas, faziam-se sentir também na sua visão, não apenas de Jung, cujos arquétipos lhe causavam repulsa, mas também de Freud, cujos “saberes” sem fundamento epistemológico o deixavam cético. Não duvidava de que poderia haver em ambos, mas sobretudo no pai da psicanálise, nas suas pesquisas sobre a natureza do sonho e do chiste, contribuições relevantes e elementos de eficácia terapêutica. Dizia, porém, apoiado em uma estatística suíça, levantada nos anos 50, “que todas as terapias psicológicas tinham iguais probabilidades de cura”.

Não pretendo inventariar todas as fontes do repertório filosófico de Anatol, em que caberia incluir Dilthey, Weber, Nietzsche e, creio, Simmel. A tarefa fica para uma pesquisa e uma análise, em profundidade, que já se tornam necessárias para delimitar a personalidade de Rosenfeld e marcar sua ação em nosso meio intelectual. Limitar-me-ei, atendendo ao pedido da *Revista USP*, a dar um depoimento ao sabor de minha memória. Entretanto, devo acrescentar ao rol dos interesses filosóficos de Anatol o neo-kantianismo de Cassirer e as idéias de Susanne K. Langer, cujos escritos o atraíam, particularmente pela penetração que lhe ofereciam no campo antropológico, lingüístico e estético. Assim, por exemplo, a autora de *Filosofia em Nova Chave* teve em Anatol um de seus principais divulgadores, pelo menos nos vários círculos que frequentava. De minha parte, tenho certeza que a primeira vez que ouvi falar, com maior extensão, destes pensadores foi em aulas dadas por ele.

A esta altura, em face do problema que está sendo abordado aqui, poder-se-ia perguntar: Afinal qual era a posição de Anatol no debate entre racionalismo e irracionalismo? Não foi sem certa intenção que apontei algumas referências de seu universo filosófico. Não creio que qualquer delas defina estritamente o pensamento de Rosenfeld. A bem dizer, utilizava tudo com um enfoque próprio. Minha opinião seria a de que era um pensador, por excelência, infenso a toda posição dogmática, mas que tenha emprego, em uma certa organização muito pessoal, não de um discurso doutrinário, porém lógico-crítico e inclusivo, para todos os componentes desse repertório. Aí, sem dúvida, a palavra era mantida em sua plena capacidade signficativa, de expressão de seu próprio código, e cognitiva, isto é, de expressão de verdades sobre o outro e o mundo.

Haveria nisso um certo ecletismo? Sim, se se levar em conta a multiplicidade dos elementos de sua dialética ensaística; e não, se se tiver em vista os dois núcleos gravitacionais de seu pensamento: Kant e N. Hartmann. O criticismo epistemológico dirigido

" Brecht, Mann Kant, Hartmann são algumas das balizas de uma tentativa de acompanhar o percurso da extraordinária curiosidade, conhecimento e argúcia intelectuais de Anatol"



particularmente aos fundamentos da metafísica e, curiosamente, o eticismo pouquíssimo racionalista da Razão Prática eram o que o impelia para Kant; Hartmann, por sua vez, que fora seu professor em Berlim, marcara-o pela solução ontológica que dava aos problemas, então em pauta, na investigação fenomenológica e pelos fundamentos desta natureza que conseguia atribuir às realidades irrealis do ser estético.

Mas por aí se verifica que a partição entre racionalismo e irracionalismo não passava, para o espírito de Anatol, por um culto da razão. Estava longe, por exemplo, da metafísica racionalista de Spinoza e Leibniz, mas não de Descartes, sobretudo nas *Meditações*. Na verdade, o seu pendor, a sua característica e a sua escritura foram as de um crítico dotado de um pensamento essencialmente crítico-analítico, em sínteses originais. Isto naturalmente significou uma abordagem diferenciada, no curso dos anos, e conforme os aspectos específicos, do tópico aqui em foco. Mas nunca em todos esses casos lhe ocorreria decretar a falência da racionalidade. A história da loucura não justificaria, para ele, a recusa do juízo de razão, nem o positivismo lógico o levava a submetê-la ao primado da linguagem.

Isto não o impediu de posicionar-se, no campo político, de maneira radical. Testemunha e vítima que fora dos desvarios e barbaridades cometidos pelas mitificações ideológicas derivadas do irracionalismo romântico e nacionalista, era opositor ferrenho de toda orientação exclusivista, etnocentrada, fundamentalista, alimentada em místicas do Estado, do Chefe, da Raça, da Crença, da Classe, da Nação e da própria Razão. Crítico do regime capitalista e de seu modo de produção, nas suas consequências selvagens, nos seus processos de massificação, monopolização, consumismo e exploração das sociedades e dos povos, inclinava-se para um socialismo que jamais o ouvi definir, mas que, sem dúvida, era democrático e guiado por um *logos* e um *ethos* onde a *ratio* do homem se sobreponha à da *polis*. Irreverente com instituições, hierarquias e máquinas burocráticas, cultuava, no íntimo e fortemente, os valores universais do livre-pensamento e do humanismo, ainda que os mantivesse sempre submetidos a um foco crítico. A ciência não era para ele um ídolo, mas tampouco a dispensava como fonte de conhecimento objetivo e verdadeiro, e de transformação das condições materiais de vida, ao mesmo tempo que condenava o seu desvirtuamento em pura manipulação tecnológica, econômica, militar, política e comunicacional, para a destruição e o exercício opressivo do poder. Revoltava-se contra o anarquismo espiritual das místicas, a seu ver, mitificações mistificadoras, contra os processos concentracionários e alienadores do indivíduo e do cidadão nos antigos e modernos castelos kafkianos. Isto, porém, não o impedia, na prática, de tomar partido, segundo razões teóricas muito sólidas, se julgasse ameaçado o espaço da liberdade. Foi o que aconteceu aqui, nos anos da ditadura. Sentiu-se convocado a se lhe opor, e o fez, não apenas com uma solidariedade passiva, mas também através de sua pena na imprensa e de sua palavra nas salas de conferência. Sua militância contra a irracionalidade reinante no país tornou-se tão declarada e ideologizada, que chegou a ser tomada como um estrito alinhamento nas fileiras de uma certa bandeira política.

Mas, embora na época investisse contra o menosprezo da palavra como portadora dos significados de verdade do discurso e polemizasse com uma arte, como a do Living Theater ou a do Grupo dos Lobos, que pretendia substituir o sentido da razão pela razão dos sentidos, o modo de ver de Anatol Rosenfeld na literatura, nas artes e na cultura deve ser compreendido, no que diz respeito ao problema do irracionalismo, em um espectro mais amplo.

O modelo que se pode projetar para o seu pensamento é o de Thomas Mann. Sua afinidade com o espírito e a obra deste escritor era extrema. Nos cursos que ministrou sobre ele e na exegese de suas criações literárias, fazia caminhar a elaboração ficcional e filosófico-política do romancista entre o espírito wagneriano da música, do dionísio, e o espírito goethiano do plástico, do apolíneo; entre o classicismo e o romantismo alemães; entre a crítica nietzschiana a todos os valores na busca de sua transvaloração, que lhe permeia os escritos iniciais, desde *Os Buddenbrooks* e *Tonio Kröger* até *Morte em Veneza*, e a crítica à perda de todos os compassos racionais na Alemanha do Dr. Fausto; entre o nacionalismo belicoso das reflexões de um homem apolítico até o decidido engajamento contra a irracionalidade do nazismo. Como ele, Anatol sentia a sedução da “alma romântica” de Novalis e Hölderlin, encantava-se em poder embalar-se em sua lírica e, não menos, desfrutar de sua ironia antifarisaica, como a de um Heine. E nesta direção, não é de surpreender que pudesse embarcar com simpatia nas revoltas expressionistas dos filhos enfeitados da sociedade guilhermina, nas rupturas vanguardistas da linguagem poética e teatral e na contestação dos modelos consagrados pela tradição, a

ponto de vir a sustentar que “dadá não está gagá”. Ao mesmo tempo, como o autor de *A Montanha Mágica*, no embate entre a lógica da razão desarrazoada e a da razão bem temperada optava, não pelo jesuitismo místico de Leo Nafta, mas tampouco pelo racionalismo romântico de Settembrini, pois ambos se achavam sob o signo da doença, e não poderiam oferecer um caminho para Hans Castorp na sua busca pedagógica de reintegração na vida e na sociedade. Mesmo o paradoxo da lógica ilógica de sua descida para a vida que o conduz à morte não impediria que, tendo alcançado no *Roman* o termo de seu *Bildung*, Castorp alcançasse por aí, precisamente, o espaço de liberdade do espírito humano, na sua contingência, onde a racionalidade retoma o seu primado.

Assim como para a personagem de Thomas Mann, para Anatol Rosenfeld, a caça à razão de ser tinha sentido. Não poderia terminar no nada, pois, do contrário, a própria caça nada significaria. Isto, todavia, não o levava a procurar o racional, o essencial e o real somente na esquina do cotidiano, na trivialidade puramente factícia e realista. Ao invés, o seu fascínio estava no fenomenal, no complexo, no não-integro, no não-coerente, no bizarro, no fantástico, no irreal. Daí o seu gosto pelo jogo irônico que, na arte de Thomas Mann, fazia emergir, pelas construções paródicas, as incongruências grotescas. Considerava-o, ao lado de sua qualificação enquanto procedimento artístico, uma inestimável gazua epistemológica e crítica – o gatuno racionalista do irracionalismo. O romancista não apenas lhe revelava o mundo, a vida e a arte, porém lhe ensinava a revê-los. Era qual um fenomenólogo que, conforme Hartmann propunha, não ficava apenas no “objeto intencional” da consciência, mas lhe entremostrava o próprio ser.

O mesmo jogo lúdico do sério, do *cabaretier* em cruzada messiânica, dos três vinténs operísticos das vítimas da fome, dos apetites do baixo ventre da cabeça científica de Galileu, fazia da obra de Brecht um banquete socrático para a ironia dialética de Anatol. Só que desta feita não se trata da maiêutica do romance. Agora, as idéias partejadas estão explícitas na verbalização dos demiurgos do discurso: as personagens. Mais do que isso, o *logos* de suas falas, que tem a intenção declarada de emitir também juízos de verdade, é operado por uma razão poética que pretende, concomitantemente, ser razão ética e razão histórica. O irracional, caixa de Pandora de todas as imperfeições da ordem coletiva e de seu governo, além de repositório das paixões, é suscitado como servidor dionisíaco que ajuda a iluminar a razão do protesto social e do combate político, sob a égide do marxismo, na cruzada por uma ordem comunista redentora, em cujo fundo o deus do entusiasmo talvez reapareça para a celebração.

De qualquer modo, tanto quanto o racionalismo da crítica brechtiana à estrutura da sociedade burguesa e ao sistema capitalista potenciados no fascismo, o que alimentava, no autor de *O Teatro Épico*, a empatia, naturalmente com o devido distanciamento, pelo poeta do teatro didático e épico era, sobretudo, a congruência da natureza de sua proposta com a forma artística, isto é, com a racionalidade das estratégias poéticas e teatrais da invenção. Creditava-lhe a originalidade de ter conseguido realizar na sua obra uma atrevida e verdadeiramente revolucionária síntese entre vanguarda política e vanguarda estética. O resgate que tal inovação possibilitava era, para Rosenfeld, mais do que a simples razão formal da obra dramática. Em uma arte onde a ilusão mimética sempre imperara às custas da consciência crítica do público, o palco brechtiano, dominando deliberadamente as emoções humanas, as desrazões da alma, sem expulsá-las, instalava uma linguagem capaz de concretizar não só a metáfora e a parábola de seus objetos, como a dialética e a ética desta consciência crítica na sua relação com eles.

Brecht, Thomas Mann, Kant, Hartmann são apenas algumas das balizas de uma tentativa de acompanhar o percurso da extraordinária curiosidade, conhecimento e argúcia intelectuais de Anatol Rosenfeld, sob o prisma do confronto entre o racionalismo e o irracionalismo. Tenho certeza de que meu amigo iria questionar tudo o que construí a seu respeito com as lembranças de nossas conversas e as leituras de seus, ainda hoje, instigantes ensaios. E com razão. Pois seria vão querer esgotar com um juízo sintético o espectro irisado de seu pensamento, mesmo porque era um sofista nato que tinha o prazer do debate, não pela retórica, mas pelo conhecimento. Creio que, como muitos de seus modelos gregos, foi um efetivo e engajado buscador da verdade ou das verdades. Tanto quanto discuti a desrazão das coisas, jamais duvidou da razão da discussão. Daí por que acreditava, acredito eu, que de algum modo ou em algum dia chegar-se-ia, por aí, à luz do entendimento.

Mas quero encerrar meu testemunho a seu respeito com uma de suas frases favoritas, a qual talvez deixe em suspenso tudo o que escrevi ou pretendi dizer. Trata-se da célebre sentença de Schiller: “Quando a alma fala já não é a alma que fala”. Ou será que em lugar da alma se deveria pôr a razão?